

# A BRINQUEDOTECA SOB A VISÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL: DIFERENTES CONTEXTOS<sup>1,2</sup>

Camila A. Santos<sup>3</sup>

Eliana M. Marques<sup>4</sup>

Luzia Iara Pfeifer<sup>5</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as brinquedotecas pedagógicas e hospitalares a partir de pesquisa bibliográfica, apontando as diferentes finalidades das mesmas. A brinquedoteca visa o desenvolvimento das atividades lúdicas e a valorização do brincar livre. O contexto no qual está inserida e a população a que é destinada exige adequação de objetivos, sendo essencial considerar as peculiaridades da criança e sua situação física, ambiental e sócio-cultural. As brinquedotecas pedagógicas estão inseridas em universidades, instituições e escolas (públicas e particulares, que atendem ou não crianças com necessidades especiais) e objetivam disponibilizar brinquedos que facilitem a aprendizagem e o desenvolvimento infantil; estimular a interação entre pais e filhos durante as brincadeiras; permitir o acesso das crianças a variedade de brinquedos e estímulos; possibilitar apoio psicopedagógico quando necessário; apresentar atividades lúdico-diretivas; oferecer brinquedos às crianças com pouco acesso a estes; e resgatar valores relacionados a jogos tradicionais e culturais. Já as brinquedotecas hospitalares têm por objetivo atenuar os efeitos negativos que a criança sofre durante a hospitalização, como a ruptura do cotidiano, a privação do brincar, o afastamento do núcleo familiar, o medo e a ansiedade devido a procedimentos médicos; fazendo com que a criança expresse e elabore seu sofrimento de forma lúdica, convivendo com outras crianças e desempenhando seu principal papel ocupacional: o brincar. A Terapia Ocupacional adquire uma importante função na brinquedoteca, pois além de atuar considerando o indivíduo biopsicossocialmente, utiliza o brincar como meio e fim das intervenções.

**Palavras-chave:** brinquedoteca pedagógica; brinquedoteca hospitalar; brincar; terapia ocupacional.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 19 de outubro de 2006 e aceito para publicação em 16 de fevereiro de 2007

<sup>2</sup> Este trabalho foi apresentado durante a XIV Semana de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) nos dias 14, 15 e 16 de Setembro de 2006.

<sup>3</sup> Acadêmica do 6º semestre do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

<sup>4</sup> Acadêmica do 4º semestre do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

<sup>5</sup> Docente do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Terapeuta Ocupacional, Mestre e Educação Especial e Doutora em Metodologia de Ensino.

# THE TOY LIBRARY FROM THE OCCUPATIONAL THERAPY'S POINT OF VIEW: DIFFERENT CONTEXTS

## ABSTRACT

The objective of this article is to discuss the pedagogic and hospital toy libraries through bibliographic research, pointing out the different finalities of them. The general objective of the toy library is the development of playful activities and to valorize free playing. The context within the toy library is included and the population to whom it is designed for, requires adequacy of objectives, being essential to consider the child's peculiarities and his/her physical, environmental, social-cultural situation. The pedagogic toy library is inserted in universities, institutions and schools (public and private, which assist or not children with special needs). It aims to make available toys that facilitate learning and the children's development; stimulates the interaction between parents and children during the playing; allows the children's access to a variety of toys and stimulus; enables psycho-pedagogic support when it is necessary; brings about playful and guiding activities, offers toys to children who have little access to them; rescues values related to traditional and cultural games. The hospital toy libraries aim to attenuate the negative effects that children suffer during the hospitalization, such as the break of the routine of daily life, the privation of play, the separation from the familiar core, the fear and the anxiety due to medical procedures; allowing the children to express and elaborate their feelings in a playful way, socializing with other children and performing their main occupational role: play. Occupational therapy acquires an important function in the toy library, because considers the individual biopsychosocially and uses play as means and purpose of the interventions.

**Key-words:** Pedagogic toy library; Hospital toy library; Play; Occupational Therapy

## INTRODUÇÃO

O brincar é um processo fundamental ao desenvolvimento infantil. É através deste que a criança explora o ambiente e a si mesma, adquirindo novas habilidades. Para Winnicott <sup>(1)</sup> o ato de brincar é uma necessidade humana, uma necessidade de criação; o qual possibilita a construção de conceitos, a assimilação de papéis sociais, a compreensão de relações afetivas, etc. Para Erickson <sup>(2)</sup> o brincar possibilita que a criança se aproprie dos valores culturais de seu tempo e espaço. É através do brincar que a criança poderá expor seus sentimentos, preferências, receios e hábitos, podendo elaborar experiências desconhecidas ou desagradáveis<sup>(3)</sup>.

Além de promover a autonomia da criança, o brincar permite também que a criança desenvolva a linguagem, o pensamento, a socialização e a auto-estima, sendo considerado indispensável à saúde física, emocional e intelectual do ser humano <sup>(4)</sup>.

Ao brincar, as crianças podem revelar habilidades cognitivas, físicas e de participação social. É por meio do brincar que a criança desenvolve um entendimento do mundo e pode interagir com ele <sup>(5)</sup>.

O brincar é uma atividade que se justifica por si mesma, um processo espontâneo e natural <sup>(6)</sup>, ao brincar a criança está em busca da descoberta, da indagação, da escolha e da recriação <sup>(7)</sup>.

Muitos são os termos relacionados ao brincar: o jogo, a

brincadeira, a atividade lúdica, etc.

Para Erickson <sup>(2)</sup> é no jogo que a criança aprende a dominar a realidade por meio da experimentação e do planejamento, toma iniciativa, planeja, executa e avalia. Além disso, as crianças inserem como conteúdo de seus jogos, valores, gestos e ações de adultos presentes em seu cotidiano.

Portanto, pode-se afirmar que a criança constrói e transforma seu mundo através do brincar, tornando-se um processo essencial a ser vivenciado na infância.

Contudo, apesar de toda a produção científica que comprova a importância das atividades lúdicas na infância, observa-se que, em geral, há a privação de espaços ideais que proporcionem estímulos para que a criança brinque livremente, desenvolvendo suas potencialidades.

Deste modo, surge a necessidade da criação de espaços próprios para que a criança possa brincar livremente, em que haja variedade de estímulos que além de propiciar o desenvolvimento sensorio-motor e cognitivo, propicie também o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da auto-estima. As brinquedotecas, portanto, podem atender a essa necessidade.

Oliveira e colaboradores <sup>(8)</sup> destacam que a brinquedoteca é um espaço lúdico apropriado para que as habilidades características do desenvolvimento infantil sejam estimuladas. Conforme citado por Cunha <sup>(9)</sup>, a brinquedoteca tem por objetivos: valorizar os brinquedos e as atividades lúdicas e criativas, estimular o desenvolvimento global das crianças, enriquecer as relações familiares, dar condições para que a criança brinque livremente, criar um espaço de convivência que propicie interações espontâneas e favorecer trocas afetivas entre as crianças.

Esses espaços próprios para o brincar se expandiram por diversos países, e adquiriram diferentes nomes conforme sua localização, apresentando também

diferentes objetivos. Nos países de língua inglesa os espaços destinados à exploração lúdica surgem com o principal objetivo de praticar o empréstimo de brinquedos e são chamados de “toy libraries” (bibliotecas de brinquedos). O primeiro país a implantá-los foram os Estados Unidos, em 1934, na cidade de Los Angeles e, posteriormente, foram inaugurados na Inglaterra, no ano de 1967. Neste mesmo ano surge a primeira “ludothèque” (Ludoteca) na França, passando então a ser mais conhecido e mais amplamente divulgado esse espaço lúdico na Europa. Em Estocolmo (Suécia) no ano de 1963, surge a “lekoteks” (Ludoteca), a qual tinha o objetivo de empréstimo de brinquedos a crianças com necessidades especiais <sup>(10)</sup>.

Em 1973 foi implantada a primeira Ludoteca do Brasil na Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de São Paulo, sob coordenação de Nylce H. da Silva Cunha, tendo por objetivo realizar rodízio de brinquedos entre as crianças e favorecer o brincar em família <sup>(10)</sup>. Porém, constatou-se que os objetivos desta ludoteca, aos moldes de uma biblioteca circulante, não satisfaziam todas as necessidades específicas das crianças brasileiras, sendo preciso uma atenção maior ao ato de brincar e ao acompanhamento da criança durante a brincadeira. Desta forma, era necessário um espaço que priorizasse as atividades lúdicas de forma mais livre e espontânea, e não apenas o empréstimo de brinquedos. E, com este ideal, surge a primeira brinquedoteca brasileira na Escola Indianópolis, em São Paulo no ano de 1981 <sup>(11)</sup>.

Com o passar do tempo as brinquedotecas difundiram-se por todo o país, passando a ter seus objetivos atrelados aos contextos aos quais se inserem, ao considerar as peculiaridades da criança e sua situação física, ambiental e sócio-cultural para direcionar sua dinâmica e funcionamento.

## OBJETIVO

Este trabalho tem objetivo discutir as brinquedotecas pedagógicas e hospitalares a partir de pesquisa bibliográfica, apontando as diferentes finalidades das mesmas. Busca também debater a importância do terapeuta ocupacional como um profissional apto a atuar nas brinquedotecas, sobretudo nas hospitalares.

## METODOLOGIA

O levantamento bibliográfico para este estudo foi realizado a partir de pesquisas em bases de dados (SciELO e Lilacs); em periódicos de acesso livre da CAPES; no banco de dados das bibliotecas da USP (São Paulo e Ribeirão Preto) tanto de livros quanto de teses; no sítio de busca Google, através da ferramenta acadêmica para selecionar monografias e trabalhos de conclusão de curso; além de busca em anais de congressos nacionais e regionais de terapia ocupacional.

Em função da pequena quantidade de material bibliográfico disponível não foi utilizado critério de exclusão por data.

As palavras – chave utilizadas foram brinquedoteca, brinquedoteca hospitalar, brincar, atividade lúdica, hospitalização, infância e criança.

## A BRINQUEDOTECA PEDAGÓGICA

As brinquedotecas pedagógicas objetivam suprir as necessidades de materiais que promovam o desenvolvimento da aprendizagem, sendo organizadas principalmente em escolas de educação infantil em um setor da escola onde os alunos possam brincar e escolher os jogos e brinquedos <sup>(12)</sup>.

Além de ser um espaço da criança, Santos <sup>(4)</sup> considera que a brinquedoteca escolar deve também ser um espaço destinado aos professores da escola, que propicie experiências, estudo e disseminação de novas idéias

sobre o lúdico.

Algumas escolas de ensino fundamental implantaram brinquedotecas visando possibilitar apoio aos professores, os quais utilizam de esses recursos a fim de estimular o interesse dos alunos e facilitar o processo de aprendizagem, possuindo jogos e espaço livre para brincar <sup>(12)</sup>.

Além de apresentar os objetivos gerais de qualquer brinquedoteca, como o desenvolvimento das atividades lúdicas e a valorização do brincar, a brinquedoteca pedagógica acrescenta a disponibilidade de brinquedos que propiciam um melhor desenvolvimento infantil, facilita a aprendizagem e, quando há dificuldades nesta, promove apoio psicopedagógico às crianças, favorece a indicação de brinquedos e jogos que facilitam o desenvolvimento escolar <sup>(13)</sup>.

Possui também a função social de integração entre pais e filhos, pois, através da observação das brincadeiras de seus filhos, os pais passam a conhecê-los melhor e aprendem a orientar a escolha dos brinquedos que lhes são mais adequados. A relação entre crianças e adultos proporcionada pela brinquedoteca se torna mais agradável, sem o formalismo das situações estruturadas nas escolas <sup>(10)</sup>.

Apesar das semelhanças quanto aos objetivos, algumas brinquedotecas pedagógicas apresentam particularidades conforme o contexto na qual estão inseridas e à demanda <sup>(13)</sup>.

Experiências relatadas por Magalhães e Pontes demonstram diferenças entre algumas instituições. Em escolas particulares, as brinquedotecas geralmente atendem crianças pertencentes à classe média, as quais comumente tem um maior acesso a brinquedos industrializados. O objetivo que se salienta, então, é o de resgatar os brinquedos e brincadeiras tradicionais ou populares. Já em escolas públicas, nas quais as crianças têm pouco acesso a brinquedos, objetiva-se oferecer à

criança uma variedade de brinquedos que possibilitem a interação lúdica entre alunos e educadores, tornando a imagem da escola menos aversiva e mais prazerosa à criança.

Nas escolas que atendem crianças especiais, as brinquedotecas funcionam como um facilitador do processo de aprendizagem através de brinquedos adaptados e atividades lúdico-diretivas, bem como um espaço de interação entre crianças, pais e educadores <sup>(13)</sup>.

Esses materiais lúdicos deveriam transpor esses espaços, possibilitando o brincar em outros ambientes pedagógicos. No entanto, a prática pedagógica realizada com atividades lúdicas muitas vezes torna-se dificultada por contextos como a falta de estruturação dos espaços em algumas instituições. Muitas vezes há na escola salas e corredores vazios, onde se pode correr, pular, rolar, entretanto estes se encontram desprovidos de objetos e brinquedos que estimulem e facilitem o brincar da criança; ou ainda, encontram-se salas repletas de mesas, cadeiras e brinquedos, onde se realizam atividades coletivas, consideradas pedagógicas sob a supervisão de professores, porém desvinculadas dos aspectos lúdicos <sup>(14)</sup>.

## **A BRINQUEDOTECA HOSPITALAR**

Apesar de o hospital ser um espaço relacionado com a busca da cura, não é um ambiente totalmente adequado ao desenvolvimento infantil. Rossit e Kovacs <sup>(15)</sup> afirmam que durante a hospitalização infantil algumas necessidades da criança não são satisfeitas, pois comumente não há atividades e atenção apropriadas à sua faixa etária, podendo tornar-se uma vivência traumática. Em nossa cultura, a doença é considerada como algo que nunca deveria acontecer, por isso a inserção da criança no hospital não é algo esperado <sup>(16)</sup>. Além disso, a doença deixa a criança debilitada e desanimada e, se não for estimulada, poderá ser privada

de brincar, deixando de desenvolver as habilidades psicomotoras e afetivo-sociais esperadas em sua faixa etária.

Muitos são os fatores estressantes durante a hospitalização, tanto para a criança quanto para os pais e/ou acompanhantes. Por isso, é necessário que a equipe de saúde acolha esses sujeitos, já que estes se encontram a mercê de seus cuidados.

A preocupação principal com a criança hospitalizada centra-se na doença, em tratá-la e curá-la. Assim, muitas vezes os pais e a equipe de saúde tomam todo o cuidado necessário com a criança, mantendo-a no leito, entendendo que essa é a conduta que facilita sua melhora. Entretanto, não consideram que o brincar também é indispensável para um desenvolvimento saudável, sendo então necessário conscientizar os pais ou cuidadores da criança sobre a importância deste comportamento também no hospital, considerando as limitações impostas pelo ambiente e pelo processo de tratamento.

A criança, ao ser internada, tem seu cotidiano rompido e passa a viver em um ambiente pouco estimulador <sup>(17)</sup>. Ao invés de brinquedos, a criança convive com aparelhos e equipamentos estranhos que a incomoda e amedronta <sup>(3)</sup>. Não bastasse o sofrimento pela doença, ainda deve suportar processos invasivos, normalmente dolorosos e, longe da maioria dos familiares, dos amigos e de seus brinquedos, agora convive com a equipe de saúde, tendo pouco contato com outras crianças, as quais muitas vezes também se encontram restritas ao leito <sup>(17)</sup>. A criança então se depara com o medo e com a morte, sendo assim, necessário um suporte para lidar com tantas dúvidas e incertezas <sup>(18)</sup>.

Para minimizar os efeitos adversos da hospitalização, a criança necessita retomar sua principal ocupação: o brincar. É por meio deste que a criança desenvolve um entendimento do mundo e pode interagir com ele. O

brincar representa um meio de exploração em que a criança desenvolve habilidades essenciais para seu desenvolvimento, podendo revelar habilidades cognitivas, físicas e de participação social <sup>(5)</sup>. A melhor maneira para a criança hospitalizada se comunicar é através da brincadeira, quando pode expressar e elaborar seus medos e suas angústias. Para Santos <sup>(4)</sup>, o brincar possibilita que a criança construa a consciência de sua realidade, que é fundamental neste processo de hospitalização; oferecendo oportunidades para enfrentamento da realidade, transformando em prazer aquilo que era angústia <sup>(19)</sup>.

A literatura evidencia resultados positivos com pacientes hospitalizados que tiveram contato com o lúdico, através de jogos, brincadeiras, músicas, desenhos, etc <sup>(3, 16, 18, 20, 22, 24, 25)</sup>.

Deste modo, a criança necessita de um espaço dentro do hospital onde possa expor toda sua angústia, elaborando seu sofrimento de forma lúdica. Necessita, antes de qualquer coisa, de um espaço onde possa ser criança, podendo brincar, explorar e conviver com os pares. Um local estimulador que possibilite seu desenvolvimento de forma satisfatória. E é exatamente esta a função da brinquedoteca hospitalar.

É nessa tentativa de resgate à estimulação lúdica que surge a proposta de construção de brinquedotecas hospitalares. A brinquedoteca hospitalar tem como principal objetivo atenuar os efeitos negativos da hospitalização, diminuindo ansiedades e traumas.

Em condição de internação, a criança passa a ter um papel de submissão em relação aos cuidados e tratamento necessários, assumindo um papel passivo frente às suas atividades, pois tudo deve ser controlado. A brinquedoteca, muitas vezes, passa a ser o único espaço no hospital onde a criança poderá fazer suas próprias escolhas, construir sua própria história, podendo realizar desejos impossíveis de serem concretizados

através do brinquedo <sup>(20)</sup>

Segundo Ferreira e colaboradores <sup>(21)</sup> a brinquedoteca configura-se como um espaço potencial de vivências, elaborações, trocas e contatos, um local apropriado para que exista o brincar livre como fim em si mesmo, no qual a criança poderá criar, inventar, transformar, construir e expressar-se, construindo-se.

Para tal a deve ter atrativos que tornem menos penoso o período de internação, tanto para a criança quanto para seus cuidadores <sup>(16)</sup>. Desta forma, a brinquedoteca é também um meio de facilitar a permanência da criança no hospital.

É importante que na brinquedoteca hospitalar todas as crianças, independente da doença ou deficiência que tenham, sejam integradas no ambiente e no brincar. Desta forma, as atividades lúdicas devem ser usadas para intervir sobre as dificuldades específicas da criança, considerando possíveis deficiências físicas ou mentais, dificuldade de aprendizagem, atraso no desenvolvimento, etc <sup>(22)</sup>.

Em hospitais públicos percebe-se que muitas vezes a população é desprivilegiada economicamente e, por isso, a criança internada já apresenta um brincar precário e falta de estímulos ao seu desenvolvimento sadio. A brinquedoteca, além de atenuar os efeitos adversos da internação, suprirá também essas necessidades.

As brinquedotecas hospitalares devem ser estruturadas com materiais e brinquedos de fácil higienização, desta forma o ambiente deve ser mantido limpo e os brinquedos devem ser higienizados após cada uso, pois muitas crianças hospitalizadas têm uma baixa imunidade, podendo contrair infecções oportunistas <sup>(23)</sup>.

São notáveis os benefícios que a brinquedoteca traz, pois na brinquedoteca é possível que a criança elabore seus anseios e receios dos procedimentos médicos, remédios, seringas e exames, transformando-os em brincadeira <sup>(18)</sup>, além de poder interagir com outras

crianças também hospitalizadas, ampliar seus vínculos sociais e perceber que é possível conviver e brincar apesar das debilidades. A criança se revela completamente através da brincadeira, com toda sua espontaneidade, e somente assim a angústia pode ser transformada em prazer. Por isso, Drummond e colaboradores <sup>(24)</sup> dizem que o brincar deveria ser parte integrante de qualquer plano de tratamento.

Um estudo feito por Teixeira de Paula e colaboradores <sup>(25)</sup> constatou que são raros os hospitais brasileiros que dispõem de brinquedotecas com acervos de brinquedos catalogados, sistematizados e com profissionais capacitados que atuem neste trabalho. Sendo comum encontrar apenas projetos que trabalhem com brinquedos nos hospitais. Mittempergher <sup>(16)</sup> afirma que ter uma sala de espera lotada de brinquedos não basta, é preciso que haja profissionais para auxiliar na escolha de brinquedos, estimular a socialização, etc.

A brinquedoteca é um espaço onde se pode falar sobre a doença de forma lúdica, fazendo com que a criança desmistifique seus medos; o que somente é possível na presença de um profissional preparado para intermediar este processo, oferecendo escuta e acolhimento à criança, além de auxiliar na elaboração de suas angústias e medos, abordando com ela as questões decorrentes da internação através dos jogos e brincadeiras. Nesse sentido, a brinquedoteca pode ser um meio de promover saúde e facilitar a aderência ao tratamento, pois quando a criança encontra um espaço em que pode expressar de forma livre a dor e a angústia relacionadas à hospitalização, obtém maior fortalecimento emocional e melhora da qualidade de vida <sup>(24)</sup>.

A instalação de brinquedotecas em todas as unidades de saúde que oferecem serviço pediátrico em regime de internação tornou-se obrigatória através da lei nº 11.104 de autoria da Deputada Luiza Erundina (PSB-SP); aprovada em 21 de março de 2005 <sup>(26)</sup>. Entretanto se não houver profissionais responsáveis pela

administração do funcionamento deste espaço, este poderá se tornar apenas um arquivo de brinquedos.

## **A TERAPIA OCUPACIONAL NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR**

A terapia ocupacional atua com o ser humano a fim de otimizar seu desempenho ocupacional, permitindo que o sujeito seja capaz de realizar suas atividades cotidianas apesar de debilidades, incapacidades ou deficiências. O foco de atuação da terapia ocupacional encontra-se nas áreas de desempenho ocupacional (Atividades de Vida Diária – AVD; Atividades de Vida Diária Instrumental – AVDI; Educação; Trabalho; Brincar e Lazer; Participação Social), que indicam as capacidades funcionais do sujeito <sup>(27)</sup>. O brincar representa a principal área de desempenho na infância e também o principal papel ocupacional da criança <sup>(28)</sup>, entendendo os papéis ocupacionais como um conjunto de ocupações que o sujeito desempenha na sociedade e que se modificam ao longo da vida <sup>(29)</sup>.

O papel do terapeuta ocupacional na enfermaria pediátrica já vem sendo conquistado de forma significativa há algumas décadas, já que é o profissional apto a prevenir e tratar os problemas que interferem no desempenho funcional da criança, através da aplicação e análise de determinadas atividades; desta forma, o jogo ou a brincadeira não se reduz a um recurso técnico, mas passa a ser qualificado como atividade de relação terapêutica <sup>(30)</sup>.

O terapeuta ocupacional tem uma atenção especial em relação ao processo de hospitalização infantil, já que a hospitalização pode prejudicar o desempenho ocupacional e os papéis ocupacionais da criança. Em um ambiente hospitalar as intervenções têm por objetivo prevenir e tratar os problemas que interferem no desenvolvimento funcional da criança e ajudando a criança a explorar seu meio <sup>(15)</sup>, tais intervenções são

planejadas com elementos baseados no brincar, podendo ser trabalhada a rotina diária, a preparação para a cirurgia ou procedimentos invasivos, sempre amenizando os efeitos da hospitalização. A intervenção terapêutica ocupacional na enfermagem pediátrica objetiva restabelecer a saúde da criança levando em consideração não somente a causa que a levou à internação, mas as conseqüências psicológicas e sociais que essa situação resultará e, portanto, o terapeuta ocupacional deve estar atento à disponibilidade e participação da criança na relação terapêutica, já que é responsável pela inclusão de elementos como alívio, criação e amadurecimento através do brincar e do fazer coisas <sup>(31)</sup>.

Há uma relação de interdependência entre o brincar e o desenvolvimento infantil, assim, a privação de atividades lúdicas, muitas vezes presentes durante a hospitalização infantil, pode resultar em comprometimentos sensorio-motores, cognitivos, emocionais e sociais <sup>(19)</sup>. Esses aspectos desencadeiam alterações nas áreas de desempenho ocupacional, inicialmente nas A.V.D.s, no brincar e na participação social.

O terapeuta ocupacional é o profissional capacitado para analisar e avaliar o brincar, podendo planejar intervenções e obter informações sobre as competências cognitivas, motoras e sociais da criança <sup>(5)</sup>.

Obana e colaboradores <sup>(19)</sup> descrevem que a intervenção terapêutica ocupacional contribui com um da exploração de brinquedos e brincadeiras, além da ampliação das relações sociais de crianças hospitalizadas.

A intervenção terapêutica ocupacional inclui a avaliação do desempenho da criança nas atividades lúdicas, identificando quais as limitações clínicas e funcionais decorrentes da própria patologia ou mesmo do processo de hospitalização, quais as preferências lúdicas e se há necessidade de adaptações para que o comportamento

lúdico possa ser estabelecido <sup>(19)</sup>. Desta forma, no plano de intervenção terapêutico se insere o brincar como meio e fim terapêutico, ou seja, o brincar tanto é utilizado como um meio de alcançar outros objetivos do tratamento, como também é trabalhado como fim em si mesmo, tendo com o enfoque a criança e seus familiares.

Através do brincar o terapeuta ocupacional pode contribuir com o rompimento de um papel passivo que a criança muitas vezes assume diante da hospitalização. A saída deste papel passivo acontece a partir do momento que a criança pode escolher o que fazer, do que brincar, falar do que gosta e falar de si através das atividades <sup>(32)</sup>. O terapeuta ocupacional através de sua capacitação profissional está apto a identificar as preferências lúdicas da criança e favorecer uma interação social através de situações lúdicas; avaliar quais as brincadeiras próprias para cada criança, de acordo com seu universo cultural, seu nível de desenvolvimento e doença, considerando as limitações do ambiente hospitalar e a potencialidade de cada criança <sup>(30)</sup>.

Deste modo, a brinquedoteca hospitalar é mais um espaço, em um ambiente hospitalar, no qual o terapeuta ocupacional poderá desenvolver seu trabalho, favorecendo o resgate do brincar livre como fim em si mesmo e, posteriormente, utilizando-o como um meio para favorecer uma socialização e estímulos sensorio-motores <sup>(33)</sup>. É pertinente também que este espaço seja utilizado para propiciar e, muitas vezes ensinar, o brincar entre cuidadores e crianças, sinalizando os potenciais da mesma, as maneiras de adaptar certos brinquedos/brincadeiras para que seja possível o desenvolvimento desta prática no hospital, na ausência do terapeuta ocupacional, ou mesmo em casa, demonstrando a importância do brincar para o desenvolvimento infantil.

A brinquedoteca não é um espaço exclusivo do terapeuta ocupacional, já que pedagogos, psicólogos, artistas plásticos, arte – terapeutas e voluntários (que passam

por processos de capacitação) podem atuar contribuindo com sua especificidade; alguns atuam apenas como organizador do espaço, outros como mediadores entre a criança e a escolha dos brinquedos e brincadeiras, bem como estimuladores das ações da mesma <sup>(9)</sup>.

É evidente que o brincar não deve ser utilizado somente pelo terapeuta ocupacional, já que este não é uma técnica, mas um papel ocupacional da infância. A diversidade de profissionais que atuam em um ambiente hospitalar é importante e necessária, porém é imprescindível que os objetivos de cada um estejam definidos.

Diante disto, o terapeuta ocupacional tem que ter claro seus objetivos neste espaço, onde pode utilizar os brinquedos e brincadeiras para auxiliar no desenvolvimento ou resgate do papel ocupacional e do desempenho infantil, que é o brincar, e/ou utilizar os brinquedos e brincadeiras como o meio para estimular componentes de desempenho (coordenação motora, atenção, percepção visual, etc.) os quais auxiliarão no desenvolvimento das áreas de desempenho, destacando as AVDs., o próprio brincar, a educação e a participação social.

Recentemente, a Associação Brasileira de Brinquedotecas tem buscado a criação de uma nova categoria profissional: o brinquedista hospitalar; pedindo apoio aos profissionais da saúde para o reconhecimento da profissão. Porém, Battisti <sup>(34)</sup> afirma ser uma violação aos atos privativos do terapeuta ocupacional, já que este é um profissional hábil e competente, conforme o art. 4º do Decreto-lei n. 938/69 <sup>(35)</sup>, para atuar neste contexto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento bibliográfico foi possível efetuar discussões acerca dos diferentes contextos que a brinquedoteca pode assumir e a partir disso verificar a importância desta discussão para o terapeuta

ocupacional, o qual, a partir de sua formação e de sua prática torna-se um profissional apto a atuar em brinquedotecas e coordenar o funcionamento das mesmas.

Não foram encontrados estudos sobre um levantamento das brinquedotecas brasileiras existentes, que verifique qual o caráter que assumem, suas características e quais os profissionais que atuam. Por isso, há necessidade de ampliar o conhecimento teórico sobre o tema, através de pesquisas e produção científica.

Muitos foram os avanços e conquistas em relação à aceitação da brinquedoteca na sociedade brasileira, porém ainda há muito a ser feito, já que resgatar e valorizar o lúdico é essencial não só para a criança, mas também para o adulto, no trabalho, na educação e na vida.

O terapeuta ocupacional é um profissional capacitado para atuar em brinquedotecas, sejam elas pedagógicas ou hospitalares

É premente a ampliação do número de brinquedotecas em enfermarias pediátricas, entretanto se faz necessária uma reflexão acerca da configuração da brinquedoteca hospitalar, pois com o esperado aumento do número das mesmas, qual será o perfil de atenção profissional esperado? Se o terapeuta ocupacional já possui um histórico de trabalho nas enfermarias pediátricas em que utiliza o brincar como meio e fim das intervenções por que este não tem sido absorvido pelo novo campo das brinquedotecas hospitalares e paradoxalmente uma nova profissão busca se estabelecer com objetivos que já são próprios do terapeuta ocupacional?

Cabe ao terapeuta ocupacional ampliar sua inserção neste espaço apresentando projetos de brinquedotecas para serem estruturadas em enfermarias pediátricas e/ou esclarecer que o espaço lúdico por si só não é terapêutico, havendo necessidade de um profissional que facilite esse brincar e que o terapeuta ocupacional com

seus conhecimentos acerca do desenvolvimento infantil, do comportamento lúdico e de análise de atividades, torna-se apto para coordenar e atuar neste espaço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975. 203 p.
- 2 ERICKSON, E. H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. 404 p.
- 3 MITRE, R. M. A.; GOMES, R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2004.
- 4 SANTOS, S.M.P. Espaços lúdicos: brinquedoteca. In: \_\_\_\_\_ . **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 57-61.
- 5 KNOX, S. A. Avaliação lúdica de pré-escolares: a escala Knox. In: PARHAM, L.D.; FAZIO, L.S. **A recreação na terapia ocupacional pediátrica**. São Paulo: Santos, 2002. p. 2-22.
- 6 TAKATORI, M.; EDDA, B.; BENETTON, M. J. O brincar e a criança com deficiência física: a construção inicial de uma história em Terapia Ocupacional. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar. São Carlos**, v. 9, n. 2, p. 91 – 105, 2001.
- 7 PEREIRA, E. T. Brincar e criança. IN: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M.; DEBORTOLI, J. A. **Brincar (es)**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 17 – 27.
- 8 OLIVEIRA, A. A. E.; MALFITANO, A. P. S.; EMMEL, M. L. G.; MARTINEZ, C. M. S.; PALHARES, M. S.; MATSUKURA, T. S. **Brinquedoteca, criança e brinquedo: tríade para o desenvolvimento infantil**. In: VI Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional. Anais. Águas de Lindóia, 1999. p.
- 9 CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 3 ed. São Paulo: Vetor, 2001. 117 p.
- 10 RAMALHO, M. R. B.; SILVA, C. C. M. A Brinquedoteca. **Revista ACB. Brasília**, v. 8, n.1, p. 26-34, 2005.
- 11 CUNHA, N. H. S. A brinquedoteca brasileira. In: SANTOS, M. P. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. p. 13 -22.
- 12 KISHIMOTO, T. M. Diferentes tipos de brinquedotecas. In: FRIEDMANN, A. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 2 ed. São Paulo: Sritta Editorial, 1992. p. 51 -59.
- 13 MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R. Criação e manutenção de brinquedotecas: Reflexão acerca do desenvolvimento de parcerias. **Psicol. Reflex. Crit. Porto Alegre**, v. 15, n.1, p. 235 -242, 2002.
- 14 KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras: usos e significações dentro de contextos culturais. In: SANTOS, M. P. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 23 -39.
- 15 ROSSIT, R. A. S.; KOVACS, A. C. T. B. Intervenção essencial de Terapia Ocupacional em enfermaria pediátrica. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar. São Carlos**, v. 7, n. 2, p. 58 –67, 1998.
- 16 MITTEMPERGHER, R.C.R. O papel da brinquedoteca na aderência ao tratamento oncológico. **Revista Prática Hospitalar. São Paulo**, n 42, nov-dez, 2005.

- 17 PFEIFER, L. I.; MITRE, R. M. A. Terapia Ocupacional, dor e cuidados paliativos n atenção à infância. **Apostila USP. Ribeirão Preto**, 30 p., 2006.
- 18 VIEGAS, D. Brinquedoteca hospitalar: a experiência de Santo André. In: SANTOS, M. P. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 101 -105.
- 19 OBANA, A.Y.;RODRIGUES, M.B.; MARQUES, C.A.A.; ROSSETO, R.A.; PERES, P.T. **Rotina Lúdica Hospitalar: um recurso da Terapia Ocupacional**. In: IX Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional. Anais. Recife, 2005. CD room.
- 20 GOULART, A. M. P.L.; MORAIS, S. P.G. O brincar como uma ação mediadora no trabalho desenvolvido com crianças hospitalizadas. In: SANTOS, M. P. **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 119 –128.
- 21 FERREIRA, A. L. et al. **O brincar como mediador da relação pais e filhos no contexto ambulatorial e hospitalar: relato de uma experiência**. In: 8º Encontro de Extensão da UFMG. Anais. Belo Horizonte, 2005.
- 22 ELMESCANY, E. N. M. **Brinquedoteca Terapêutica Ocupacional: Resgatando a Qualidade de Vida de Crianças com Câncer**. Disponível em: <http://www.profala.com/artto17.htm>. Acessado em: 02/05/2006.
- 23 AFLALO, C. Dicas para criar e manter uma brinquedoteca. In: FRIEDMANN, A. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 2 ed. São Paulo: Sritta Editorial, 1992. p. 185 –215.
- 24 DRUMMOND, I. ; SCHALL, V. T. ; PINTO, J. A . **Implantação de um espaço lúdico em um ambulatório de AIDS pediátrica**. In: II FORO EN VIH/SIDA/ITS EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE, 2003, CARIBE/CUBA. Anais do II Foro en VIH/SIDA/ITS en América Latina y el Caribe.2003. v. único.
- 25 TEIXEIRA DE PAULA, E. M. A.; GIL, J. D.; MARCON, A. **Brinquedotecas em hospitais: uma conquista nova, para novos tempos. Temas sobre desenvolvimento**. São Paulo, v. 11, n. 62, p. 23 –32, 2002.
- 26 Lei Federal nº 11.104, de 21 de março de 2005. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2005.
- 27 AOTA – AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Occupational therapy practice framework: domain and process. **Am. Journal of Occupational Therapy**, v. 56, p. 609 – 639. 2002.
- 28 PARHAM, L. D.; FAZIO, L. S. Recreação e Terapia Ocupacional. In: PARHAM, L. D.; FAZIO, L. S. **A recreação na Terapia Ocupacional pediátrica**. 1 ed. São Paulo: Editora Santos, 2002. p. 2 -21.
- 29 PEDRETTI, L.W. e EARLY, M.B. **Terapia Ocupacional: capacidades práticas para as disfunções físicas**. 5 ed. São Paulo, Editora Roca, 2005, 1092 p.
- 30 KUDO, A. M.; PIERRE, S. A. Terapia Ocupacional com crianças hospitalizadas. In: KUDO, A. M. et al. **Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional em Pediatria**. 2 ed. São Paulo: Editora Sarvier, 1994. p. 194 – 203.
- 31 TAKATORI, M. et al. O hospital e a assistência em Terapia ocupacional com a população infantil. In: DE CARLO, M. M. R. P.; LUZO, M. C. L. **Terapia Ocupacional: Reabilitação Física e Contextos Hospitalares**. São Paulo: Editora Roca, 2004. p. 256 – 275.

32 MITRE, R. M. A. **O terapeuta ocupacional nas enfermarias pediátricas**. In: V Congresso Brasileiro/ IV Simpósio Latino-Americano de Terapia Ocupacional. Anais. Belo Horizonte: UFMG, 1997. p. 49-51.

33 MOTA, M. C.; CHAVES, P. Brinquedoteca hospitalar “nosso cantinho”: relato de uma experiência. IN: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M.; DEBORTOLI, J. A. **Brincar (es)**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 167 – 180.

34 BATTISTI, M. C. G. **Carta aberta à população e aos profissionais de saúde**. Disponível em: <http://www.crefito3.org.br/download/brinquedista.pdf>. Acessado em: 25/09/2006.

35 Decreto-Lei n. 938, de 13 de outubro de 1969, **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1969.